

Atividade realizada pelo Coletivo Brasileiro do FSM: “meios de comunicação, poder e democracia”, realizada dia 10/08, em Montreal, no FSM 2016

A mesa de diálogo contou com a participação de representantes de movimentos sociais da França, Palestina, Argentina, Curdistão e Brasil. Todos, a partir da realidade vivida em seus países, falaram sobre a concentração de poder da mídia e de que forma isso tem impactado tragicamente a cultura, a economia e a democracia ao redor do mundo.

A mídia francesa mobilizou a opinião pública para que houvesse apoio às ações de austeridade em relação à Grécia enquanto a mídia alternativa buscava cultivar a solidariedade entre os povos. Na Palestina, enquanto a mídia alternativa apoia e divulga o movimento BDS (“boicote, desinvestimento e sanções” a Israel, pelo desrespeito aos Direitos Humanos no território palestino), a mídia tradicional considera todas as ações de resistência como “antisemitas”, tendo taxado desta forma inclusive o FSM. Na Argentina, o tradicional Jornal O Clarim divulga notícias não verídicas pelo mundo e, depois de publicadas na imprensa internacional, leva o povo argentino a acreditar nelas. Sua licença de funcionamento foi cassada pelo governo Kirchner mas seguiu funcionando mesmo assim e trabalhou para que a direita chegasse ao poder. Conseguiu.

A resistência do povo curdo frente ao bombardeio de suas terras tem sido noticiada pela mídia tradicional como ação terrorista. Jornalistas curdos que noticiaram o que de fato acontece no Curdistão foram assassinados. O mundo segue sendo informado sobre o massacre do povo curdo a partir do “olhar” da grande imprensa turca.

No Brasil, a maioria da população informa-se por meio da televisão, sendo a Globo a grande concentradora de poder, sem que exista qualquer controle do governo. A manipulação de informações é uma constante. Por outro lado, o atual governo, interino, golpista, colocou em curso um processo de desmonte da mídia pública. Rita Freire, presidente do Conselho da EBC, ressaltou a importância do fortalecimento de relações entre a mídia pública e os movimentos sociais, como resistência ao monopólio da mídia que está dando um golpe no povo brasileiro.

Para finalizar, foi compartilhado o jogo “efeito 55” que apresenta, de forma lúdica e didática, como a mídia influencia a opinião pública, as manobras políticas para favorecer o golpe no Brasil e a importância dos movimentos sociais. O jogo está disponível para download, gratuitamente em

www.efeito55.com.br

Atividade do Fórum Mundial de Educação no contexto do FSM 2016, no Canadá

A atividade autogestionada ***“Os desafios da educação popular ante a ofensiva neoliberal: a participação social e os direitos humanos”***, promovida por organizações do Fórum Mundial de Educação, foi realizada nesta quinta feira em Montreal- Canadá, no contexto do FSM 2016. A atividade contou com 5 debatedores/as, representantes de organizações e movimentos sociais do Brasil, Canadá, Espanha e Itália, que falaram sobre concepções, práticas e desafios da educação popular em seus contextos de atuação.

Sheila Ceccon, do Instituto Paulo Freire, falou a partir de uma concepção de Educação Popular que, seja no sistema escolar ou fora dele, é um instrumento de conscientização e politização. Educação que se opõe à transferência seletiva de um “saber dominante” de efeito “ajustador” à ordem vigente. Processo que, incorporando questões relativas à educação socioambiental e à educação em direitos humanos, constrói práticas em que homens e mulheres não se veem apenas como sujeitos anônimos no lugar onde vivem, mas como sujeitos coletivos que transformam a história e a cultura dos seus países. Falou sobre o crescente processo de mercantilização da educação e a necessidade de enfrentá-lo promovendo pedagogias que fazem da opressão e suas causas objeto de reflexão. Destacou que uma educação crítica, política, popular e emancipadora, desenvolvida COM pessoas e povos e não PARA eles, pode promover o necessário engajamento para construir novas realidades, mais solidárias, socialmente mais justas e ambientalmente mais equilibradas.

Kevin Sette, Presidente da Associação de Estudantes da Universidade de Winnipeg, falou sobre a abordagem da cultura indígena na Universidade, o racismo nela existente e o processo de resistência em curso. Atualmente todos/as estudam a cultura dos povos indígenas na Universidade mas a maioria dos não indígenas por muito tempo foi contra esta prática. Apontou o racismo existente, alimentado pelos meios de comunicação, e falou sobre uma metodologia educativa que busca fortalecer relações entre indígenas e não indígenas por meio de estudos, diálogo e reflexões sobre a visão eurocêntrica predominante e da prática de atividades pedagógicas que promovem o aprendizado em contato com a vida, com a terra. Disse que cursos de educação popular estão ganhando mais espaço na Universidade de Winnipeg e que o que está acontecendo lá está contagiando outras Instituições.

Albert Sansano, da Confederação Intersindical de Valência, falou dos movimentos de renovação pedagógica na Espanha, que atuam na perspectiva da educação popular. Destacou que para desenvolver a revolução do pensamento é preciso desenvolver a revolução da sensibilidade. Não há escola sem compromisso com o entorno social, sem que as famílias sejam o eixo central do trabalho.

Miléne Lokrou, da ALIES, do Canadá, deu ênfase à importância da educação popular como resistência à mercantilização. Falou da educação popular como aquela que “dá alma” aos povos, constrói comprometimento, faz com que se percebam como atores da transformação social.

Aléssio Surian, da UNIOD UPU, da Itália, abordou o tema na perspectiva da sistematização e da descolonização. Citou um trabalho que desenvolve junto a trabalhadores da construção civil, onde os participantes passaram não só a dialogar mas a construir suas próprias concepções sobre a vida. Um deles declarou recentemente que não sabia o que estava dentro de si mesmo e nem o que tinha poder de fazer. Contou que foi uma importante experiência de co-construir conhecimento, desaprender e aprender, crescer. O grupo de trabalho do projeto depois de estudar Paulo Freire resolveu denominar-se “Grupo Paulo Freire”.

Depois das falas da mesa os participantes reuniram-se em grupos e dialogaram sobre possibilidades de incidência, por meio da educação, no processo de construção de novas e melhores realidades. O conteúdo será, em breve, compartilhado em www.almanaquefme.org

Sistematização das produções dos grupos

1. Concepção de educação popular predominante:

Educação que promove o desenvolvimento de aprendizagem recíproca, a construção de estratégias, o desenvolvimento das pessoas. Constrói relações e tem o território como pedagogia.

Educação que tem habilidade para construir coletivamente o conhecimento, promove a coragem para assumir posição crítica frente à realidade, para avaliar-se e construir constantemente a democracia e a solidariedade. Tem o diálogo permanente como princípio.

Educação de caráter transformador, contestador de injustiças, transformador da consciência. Promove a prática de reflexão sobre a prática. Reflexão-ação. Implica participação na busca por uma sociedade do “bem viver”, proposta que reivindica uma nova relação com a natureza, com o sagrado nela representado. Participação na perspectiva de dar a palavra e reconhecer o que é dito. É um processo, não se faz de um dia para outro, é acima de tudo um ato político. Educação popular é uma educação para a inclusão.

2. Ações educativas destacadas, considerando a atual conjuntura, social e política:

Ações de conscientização, sensibilização e participação das comunidades nos processos educativos. Exemplo: ações realizadas pela Unitierra (Pluriversidad San Cristobal Chiapas, Mexico), pela Licenciatura em Estudos Interculturais (Curso para Indígenas n Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) , pelas Comunidades de Aprendizagem Intercultural e também pela Teologia índia.

3. Possibilidades de incidência visualizadas, na perspectiva da construção de outro mundo possível por meio da educação:

Incidência em políticas públicas, iniciativas de elaboração de leis, construção de cidadania por meio de organizações cidadãs. Deixar de ser objeto para ser sujeito, promover resistências coletivas frente ao individualismo predominante. Realizar educação popular, questionando a educação formal e tradicional.

Reconhecer que as pessoas são a base da riqueza. Ricos e pobres. Todos. Não abandonar o componente ético da educação, ir da conjuntura mais próxima, no território (“micro”), ao contexto mais amplo (“macro”).

Atividades realizadas dia 12/8.

No dia 12/8, no contexto do FSM 2016, o coletivo de organizações brasileiras do qual o Instituto Paulo Freire faz parte, realizou duas atividades autogestionadas. Uma delas foi o *“Tribunal Internacional: ética, legalidade e democracia”*, que teve como objetivo difundir em Montreal as reflexões e conclusões a que chegou o *“Tribunal Internacional pela Democracia no Brasil”*, realizado no Rio de Janeiro dias 19 e 20 de junho (<https://www.dropbox.com/s/j6chldpc0irwytm/Senten%C3%A7a%20TI.pdf?dl=0>). Liege Rocha, da Frente Brasil Popular, comunicou que neste tribunal os jurados, por unanimidade, declararam que o processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff viola a Constituição brasileira, a Convenção Americana dos Direitos Humanos e o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, constituindo-se em um verdadeiro golpe de estado.

João Antonio de Moraes, da FUP, ressaltou que a disputa pelo petróleo está no centro do golpe. As reservas do pré-sal chegam a 170 milhões de barris o que iguala as reservas brasileiras às da Arábia Saudita. Alertou que se a Petrobrás for privatizada será uma enorme e irreversível perda para o povo brasileiro. Francine Menthum, da organização Justiça Global (Bélgica) ressaltou que o que se passa no Brasil não é um caso isolado, que muitos “golpes brandos” estão em curso no mundo. Segundo ela, a democracia vem perdendo espaço, cotidianamente direitos sociais têm dado lugar à “proteção” militar. Disse que problemas globais precisam de resistência mundial, de solidariedade e luta internacional. Rita Freire, mediadora da mesa, destacou o papel da comunicação neste contexto e lembrou Malcom X, quando escreveu que *“se não tomarmos cuidado, a mídia vai nos levar a amar nossos opressores e a odiar nossos companheiros”*. Neste sentido, reiterou que o golpe em curso no Brasil é também midiático.



A segunda atividade realizada pelo mesmo coletivo foi a mesa de diálogo *“Direitos humanos, dignidade e democracia”*. Nela, Bartiria Lima da Costa, da CONAM, denunciou a violência aos direitos humanos que acontece hoje no Brasil, no meio rural e no urbano. Conflitos provocados por latifúndios, megaprojetos, megaeventos e especulação imobiliária, excluem o acesso de milhares de pessoas à moradia, saneamento e energia, por exemplo.

Valdecir Nascimento, historiadora e militante do Movimento Negro, afirmou que os negros no Brasil ainda “não são considerados nem mesmo humanos”. Disse que não é possível construir democracia sem pensar a realidade da população negra. Segundo ela, “o extermínio tem sido a opção”, mas esta realidade não pode continuar.

Sheila Ceccon, do IPF e do CEAAL, falou da importância da educação popular, crítica e emancipadora, na construção da democracia, na conquista da dignidade e na garantia de direitos humanos. Enfatizou o papel fundamental da educação na transformação de sujeitos invisibilizados por uma sociedade massificada, em sujeitos coletivos, conscientes de que fazem sua própria história e a história dos territórios onde vivem.



Propostas elaboradas nesta mesa:

Propostas elaboradas durante a atividade “Direitos humanos, dignidade e democracia”:

- criação de comitês pela democracia e direitos humanos
- repactuar relações da sociedade para superar os lugares de subalternidade e criar novos protagonismos
- que o direito à cidade e à terra ganhem centralidade no FSM
- lutar por educação popular, crítica e emancipadora nas redes públicas de todos os países

- união das esquerdas no enfrentamento ao neoliberalismo e garantia da democracia

O coletivo brasileiro coordenou também uma das atividades de Convergência, denominada: **“Defesa da democracia”**.

Propostas elaboradas na ocasião:

- passarmos a nos antecipar enquanto rede de redes, construindo outros modelos de governança, com base e em defesa da democracia, para a construção do “Poder Cidadão Mundial”, tendo por referência o Juramento de Paris.
- realizar o Fórum PanAfricanista, potencializando o combate ao racismo.
- que redes e movimentos sociais pressionem governos para que defendam a democracia. Que governos e organizações internacionais não reconheçam governos ilegítimos.
- fortalecimento da economia solidária, do comércio justo, da agricultura familiar, como enfrentamento ao modelo econômico dominante, contribuindo para uma sociedade mais justa.
- ultrapassar nossos focos de luta, somando forças, rompendo fragmentações.
- Visibilizar e fortalecer as experiências que temos, potencializando experiências alternativas.



Reunião do Conselho internacional do FSM, 14/08/2016, Montreal

Período da manhã

- **Parte 1: Avaliação do FSM 2016**
(coordenação de Liège e Hamouda)

Rafael, da organização do FSM Montreal: O FSM 2016 foi um fórum que permitiu passar da reflexão para ação, ações concretas. Tivemos mais ou menos **35 mil participantes, de 125 países**, em 19 lugares da cidade onde houveram atividades. Tivemos 1250 atividades inscritas, 50 foram canceladas antes do evento, cerca de **1100 foram efetivamente realizadas**. Em paralelo ao FSM tivemos 5 fóruns alternativos: Fórum Mundial parlamentar, Fórum Mundial sem energia nuclear, Fórum das Primeiras Nações e Fórum dos Negros Livres. Além do Fórum das crianças, com 60 participantes.

Mandamos 2 mil cartas convite. Tivemos **22 grandes conferências**. O conceito de FSM aqui é novo e fizemos grandes conferências temáticas para atrair imprensa e participantes. Woodstock, no norte de Montreal, onde várias pessoas se mobilizaram para a questão do racismo e discriminação. Tivemos também assembleias de convergência, entre 22 e 26 assembleias em 3 dias. Grande participação de África. 3 grandes conferências transmitidas pela internet. Todas as conferências em OKAM foram transmitidas. Na "Ágora", no Parque Jarry, todas as produções das convergências foram apresentadas e compiladas em planos de ação e agora vamos conectar todas essa informação para construir a continuidade do FSM. Sobre a programação cultural, tivemos **cerca de 250 atividades e mais de 500 artistas**. A Marcha de **abertura contou com 15 mil participantes**.

A questão dos vistos é fundamental para trazer o FSM ao norte. Vamos seguir coletando informações para denunciar a recusa de vistos. Talvez cheguemos a 1 mil vistos negados. Vamos coletar todas as propostas de convergência, sintetizar e por meio do site difundir esse calendário de ações. Saímos desse FSM com um documento final. Quisemos organizar esse FSM com seus valores e os valores que nos animaram como coletivo. O valor central, a horizontalidade.

Sara, da organização do FSM Montreal: Mais ou menos 300 pessoas estiveram envolvidas por três anos neste FSM, que teve êxito. Quero falar sobre a questão política deste movimento. Um movimento de jovens e pessoas mais velhas, aprendemos muito! Nos organizamos de maneira horizontal, autogestionada. Este FSM foi para nós uma forma de trabalhar de maneira mais confiante. Queremos que seja um reflexo para outras pessoas replicarem o que vivemos nesta semana. Uma experiência de organização política que devemos compartilhar.

Leonardo Vieira, Brasil: Muito obrigada a todos os organizadores, voluntários, jovens e todos que se envolveram neste evento! Obrigado a Montreal. Sentimos que a marcha de abertura foi muito boa: muita

diversidade, cores. Foi um problema os vistos, sabemos que pessoas que deveriam estar aqui não puderam estar. Um dos membros de nossa delegação nos indicou que houve um problema com o espírito do FSM porque estamos em uma situação no mundo muito difícil neste momento. O neoliberalismo está se propagando por toda América Latina. Justo neste momento temos um Fórum que não tem esse espírito altermundialista. É uma pena! Os vistos negados foram justamente para as pessoas que necessitavam de um visto para estar aqui para protestar e denunciar. E também a Ágora estava comercial e isso nos incomoda. Não é o espírito que esperamos do FSM. Quero saber se os voluntários pagaram para ser voluntários, informação que nos chegou. Que mesmo os voluntários pagaram inscrições.

Boaventura, Portugal: Valeu a pena vir para cá. Sabíamos dos riscos de trazer o Fórum para o norte. E estou satisfeito, creio que foi um fórum muito bom. Creio que devemos falar sobre a recusa dos vistos. Se no futuro alguém proibir as reuniões do CI vamos ser contra e temos que falar sobre isso, e denunciar a recusa dos vistos porque isso pode se repetir não somente no norte como no sul.

Outro participante: O Fórum é mais que o problema dos vistos. Quando organizamos um fórum temos que ter em mente os desafios. Sim, os vistos foram recusados e os organizadores podem cuidar disso. Não foi feito um esforço para evitar isso.

Moema, Brasil: Quero me somar aos que agradecem. Quero fazer uma avaliação mais política sobre nosso trabalho no Fórum como um todo que nos ajude a dar passos maiores. Temos problemas graves. Primeiro sobre sua visibilidade externa. O Fórum é uma disputa de narrativas. Temos elegido mal o tempo de fazer o Fórum. Junto com as Olimpíadas e com a Parada Gay aqui. Uma disputa de visibilidade. Temos que considerar isso na hora de escolher a data. Outra coisa é a escolha dos espaços para dialogar com a população da cidade. Não fizemos uma disputa de visibilidade na cidade. A segunda coisa é mais para dentro. Fizemos um grande esforço de presença, mas não suficiente. Não vi uma expressão política do Canadá neste fórum. Penso que o problema dos vistos é sim importante. Mas não temos conseguido ter um fórum realmente mundial. Constituir condições de participação expressiva de uma parte do mundo que tem estado ausente. As assembleias de convergência mais uma vez fracassaram. Não foram espaços de convergência, mas de troca de informações.

Bernard: A recusa dos vistos não necessita somente de declarações. Creio que tem que entrar em contato com cada país e pedir explicações específicas para incidir na mídia de forma mais contundente.

Chico, Brasil: Muito obrigada aos canadenses! Me parece muito importante o que Sara nos diz. Viver a experiência do Fórum é muito enriquecedor. Fazer de forma horizontal é uma ótima experiência e uma forma de nos educar. Podemos escrever um livro de 2016 sobre como reinventar o FSM. Temos que continuar reinventando. Temos que fazer um seminário sobre nossa metodologia política e não burocrática. A comunicação é um desafio para o Fórum. Para todo o processo. Nós começamos a ser um contraponto à voz hegemônica. A comunicação com o mundo é uma batalha e temos que encontrar uma maneira. Não somente nos eventos mundiais, mas

também nos pequenos eventos. Sobre a autogestão. Os que organizam tem que provocar a presença das pessoas. A participação indígena no fórum passado não foi espontânea, mas há um esforço.

Outro participante: Foi impossível discutir de maneira tranquila na Ágora. Quanto aos vistos, o comitê organizador não pressionou. Quanto ao CI, não houve coletivas de imprensa para denunciar essa situação logo após a recusa dos vistos. É muito importante que o CI tome uma posição a tempo nesse tipo de situação. Creio que esse não foi um FSM real. Foi importante para o povo do norte porque falamos sobre energia e finanças, mas creio que no futuro não será possível outra experiência como essa, porque temos que ter em conta os problemas com os vistos. O FSM deve tomar partido em todos os problemas políticos do mundo. No futuro devemos organizar um FSM com muita relação com a imprensa. Também gostaria de dizer que dentro do FSM não deve haver nenhum logo de cia transnacional, telefônica ou Petrobras.

Outro participante: Gostaria de reconhecer a importância dos organizadores e voluntários e informar que o problema dos visto também atingiu o leste europeu.

Damien, Brasil: Quero destacar como ponto positivo a presença da juventude. No fórum de 2015 eram movimentos mais tradicionais e que se articularam com movimentos de juventude. Temos que valorizar a diversidade de movimentos. Faltou arte e o processo não foi horizontal e tão democrático entre CI e comitê organizador. Não houve representação dos povos originários e não houve continuidade. O FSM não deve ser um evento, mas um processo. Se fosse um processo a questão dos povos indígenas estaria mais presente aqui como esteve em 2015. Quanto às convergências, o impacto deste fórum vai depender do que vamos fazer com o resultados de convergências. Sobre os vistos é importante que o Fórum se posicione. Não podemos delegar isso aos movimentos, separadamente. Não estamos vivendo a verdadeira diversidade entre nós.

Outro participante: Sobre os vistos estamos realmente impactados sobre a ausência dos africanos. Creio que o Fórum pode dar grande enfoque ao problema dos vistos. Estamos cansados com a forma que acontecem as coisas depois de 10 anos. Fizemos uma declaração em Paris que enviamos ao CI e tivemos a impressão que não lhes importou. Pedimos que não haja tantos painéis que não resolvem nada porque falar para nós não vai mudar nada. Houve uma falta de transversalidade neste fórum. O “lado universitário” do programa não corresponde aos movimentos sociais.

Outro participante: Em que Montreal contribuiu para o processo do FSM? Era mais um fórum de representantes de indivíduos do que de organizações. É a consequência de fazer um Fórum no norte. O que houve com a falta de recursos para convidar pessoas da África e Ásia? Havia que ter um esforço extra. O que aconteceu estruturalmente dentro da organização que não pode investir fundos para convidar-lhes?

Gina Vargas: Quero insistir na dificuldade dos espaços de convergência e dos processos de articulação, a falta da Assembleia dos Movimentos Sociais. Quanto aos vistos sabemos que temos que fazer algo. Duas perguntas: qual foi o apoio e o trabalho conjunto das organizações

canadenses articulados com o CI? Essa falta de presença canadense no FSM nos diz algo sobre a perspectiva internacional. Qual foi o erro do CI? Não foi pensado o CI como organizador e articulador.

Outro participante: Respeito as grandes conferências, mas não são feitas para nada. Para mim o que é muito importante é trazer uma transformação ao país em que estamos e que aprendamos novas formas de fazer política. O único ponto crítico é sobre a preparação do Fórum das convergências.

Outro participante: Como organizador de dois fóruns magrebinos em 2013 e 2015 quero agradecer porque sabemos que a tarefa é algo grande e importante. A maioria são jovens e espero que em outros países jovens também organizem esses eventos. Não tentamos ou não fizemos suficiente no CI, não foram somente os organizadores. A falta de participação dos movimentos do Sul ou a pouca participação por conta dos vistos. Poderíamos nós do CI ter dado mais meios para esta maior participação.

Representante da China: Houve uma mobilização local importante aqui em Quebec. É importante falar sobre vistos e falta de visibilidade. Mas isso não é apenas um evento, mas um processo. Talvez os organizadores poderiam fazer algo para ativar os debates para que outros, que não estão aqui, tenham acesso. Outro ponto é que sabemos que o CI não pode tomar posições, mas creio que é responsabilidade do CI ajudar certos debates. Não estamos usando ao máximo a oportunidade de nos reunir. E estou de acordo que a falta de articulação política, o que é um problema em muitas edições do Fórum. O CI não deve ser tão neutro e objetivo.

Outro participante: Para mim as convergências foram melhores que Túnis e Dakar. Quem decidiu fazer o FSM aqui foi o CI. Sabiam os desafios e disseram que ajudariam os africanos e as pessoas do sul. O maior problema são os meios para vir ao Canadá. Os preços, os vistos. É nossa a responsabilidade. O maior problema de participação das pessoas do Sul é que não os apoiamos. Para o futuro devemos nos sensibilizar para buscar os fundos para trazer as pessoas.

Jamal, da Palestina: Depois de 15 anos não podemos pensar o futuro se não nos importa o futuro do Fórum. Não se trata só dos vistos, da organização, da comunicação. É fácil culpar a organização local, mas onde está o secretariado do CI? O que fizeram para enfrentar essa situação, para colocar o FSM no cenário global e denunciar a negativa de vistos? A estrutura está construída de uma forma que a secretaria não pode fazer nada, nem o principal, apoiar as lutas dos povos em seus territórios.

Representante da Aliança de Justiça, EUA: Necessitamos recordar que quando estávamos deliberando sobre fazer o FSM no norte sabíamos do problema com os vistos. Temos que ser responsáveis como CI, pela participação de pessoas da África, Ásia e América Latina. E outro problema é a tradução. Foi muito difícil participar. Muitas vezes os voluntários não estavam preparados politicamente. Para nós dos EUA achamos que não foi o momento adequado. Também quero agradecer ao comitê de organização local. Creio que o CI está muito desconectado do comitê de organização e isso é algo a debater no futuro pela experiência histórica dos fóruns.

Outro participante: Não ter fundo de solidariedade foi muito nocivo para a participação africana, asiáticos e parte da América latina. Esta mesa é branca e muitos de nossos companheiros da África e da Ásia não estão aqui. Com visto ou sem visto o fundo de solidariedade seria IMPORTANTE. É a primeira vez que nossos amigos palestinos não puderam vir. Isso é uma mensagem que temos que anunciar ao Canadá.

Boaventura, Portugal: Conforme acordado anteriormente, Boaventura lê o texto que propõe para uma moção do CI, de repúdio à recusa de vistos para participação no FSM 2016 no Canadá.

Rafael, da organização do FSM 2016: Muito obrigado pelas críticas construtivas, são muito importantes como aprendizado. A maioria dos jovens daqui estiveram muito envolvidos. Sobre a comunicação e a mobilização, tivemos entrevistas com todos os meios de comunicação do mundo. A visibilidade aqui foi incrível. Fizemos várias coletivas de imprensa. Sobre os vistos, não é um fracasso, mas o início de algo. Outra coisa foi a visibilidade às lutas por todos os lados.

Outro participante da equipe organizadora do FSM 2016: Sobre o problema dos vistos, logo depois das eleições começamos a falar sobre isso. Informamos todas as redes consulares sobre o FSM. Enviamos cartas convite a todos os participantes. As recusas foram 15 dias atrás e era tarde para intervir. Fizemos um guia em 5 idiomas para explicar o processo dos vistos.

Carminda, da organização do FSM 2016: Convido o CI para envolver-se mais na organização dos próximos Fóruns. Creio que o CI tem a responsabilidade de atuar concretamente nestes processos.

- **Parte 2: Devolutiva do GT sobre reestruturação do CI**
(coordenação de Teivo, Gina e Francine)

Teivo, Finlândia: A tarefa é aclarar algumas coisas e ter algumas propostas para os debates do CI. Focamos nas demandas que contribuem para que o CI seja mais amplo e democrático. É importante responder a preocupações, como por exemplo, fazer o FSM e o CI serem mais responsáveis politicamente. Discutir sobre situações políticas de várias partes do mundo e expressar solidariedade com a situação particular da Palestina. Ter um mecanismo para ser mais explicito sobre como os membros podem expressar sua posição. Criar formas padrões de posicionamento, contextualizar, debater o consenso, quando alguém bloqueia. Também questões relacionadas à organização do FSM, de decisão das edições futuras, os vistos. E responsabilidades do CI em seguir alguns princípios, enquanto como organização, como por exemplo, a solidariedade à luta palestina.

Gina, Perú: Temos tratado de recuperar dimensões que apareceram como consensuais nas últimas reuniões do conselho. Decisão urgente, queremos um secretariado que seja profissional, que esteja disponível, que conecte,

que tenha discussão política. Precisamos criar condições de trabalho e politizar a execução do FSM. Criar um núcleo básico capaz de dinamizá-lo, no seu interior e depois no exterior. Pensar uma presença mais ativa no interior do CI convidando os organizadores do FSM locais, regionais, organizações e movimentos locais e nacionais da região onde se realiza o FSM. Para isso enviamos a carta de princípios. Para isso precisamos atualizar a lista de membros, ela está inoperante. Para isso enviamos uma carta com a carta de princípios, dizendo que para participar tem que estar ativas no processo do FSM. E foi discutida a proposta de as organizações membro terem que pagar, não foi consensuada por questões socioeconômicas. Se faz necessário maior presença das populações indígenas, assim como o processo do fórum estendido para ampliar participação. Precisamos pensar metodologia e conteúdo de forma conectada. Sugestão: conversa com os organizadores levantando os pontos de interesse e de urgência do local, em relação com o contexto global.

O papel da metodologia é fundamental, é preciso incidir na convergência do fórum, preparar isso antes. Nos lembramos da rica experiência do processo de aglutinação, nos FSM anteriores a Belém, não seguimos com isso mas foi muito potente. Impulsionar as assembleias em conexão com os movimentos locais. É preciso recuperar o número de propostas para o FSM e para o CI. A dimensão da articulação do que se propõe: propiciar processo de reflexão sobre nós mesmos que sejam mais acumulativas.

Sobre comunicação, pensamos que é fundamental e emergencial um plano imediato de funcionamento da comunicação do FSM. As discussões de temas principais precisa ter visibilidade. Confiamos que esse plano de emergência pode ajudar. Sobre finanças, a urgência de ter recurso para o secretariado é a maior de todas. Pensar alternativas coletivamente. Mapear como se organiza o processo de captação dos Fóruns, contribuir mais. Criar núcleo de finanças do CI para fazer interlocução com as possíveis fontes de captação. Pensar o futuro do FSM, o que é estratégico que precisamos emergencialmente abordar.

Francine, Bélgica: Faz um pedido. Temos escutado durante esse FSM e antes muitas críticas sobre o FSM, sobre o CI. Estamos numa encruzilhada, diante da necessidade de melhorar a maneira que trabalhamos, mas isso ocorre também no nível político. Exemplo do que passa no Brasil, o golpe, pode ocorrer em qualquer lugar. Nossas democracias estão ameaçadas, temos que pensar juntos nisso, sobretudo na criminalização que nossos movimentos. Se queremos trabalhar juntos, temos que nos conscientizar sobre esses problemas. Politicamente é necessário que podemos ter ações políticas e debates políticos. Creio no potencial desse FSM e desse CI de fazer um trabalho político. Precisamos estar flexíveis, tem muitas pontes possíveis entre posições determinadas e rígidas, convido a todos para procurar um caminho do meio. Essa é nossa tarefa. Esse debate que já existe há 4 ou 5 anos, que ele possa ser concluído, estamos cansados, que possamos terminar construindo pontes entre posturas que parecem opostas, mas não são. A situação política que estamos é bastante perigosa.

Debate sobre questões em que o CI deve tomar posição:

Representante da Palestina, BDS: Bem vinda a proposta de mudança no CI. Não existe questão limitante, temos que superar o bloqueio de uma ou

duas pessoas ao apoio de solidariedade à Palestina, isso não é democracia. Decidir sobre isso tem a ver com o funcionamento do CI.

Boaventura, Portugal: Ou politizamos o CI ou ele desaparece. É chocante a diferença de geração entre os observadores e os membros do CI. Precisamos fortalecer o CI, temos que fazer decisões políticas sobre o fascismo em relação aos movimentos, esse debate tem que entrar no CI. Necessitamos reorientar e revalidar o papel do CI. É responsabilidade do CI fazer enfrentamento ao fascismo e à globalização, temos que focar nos fóruns nacionais e locais.

Outro participante: Retomo a proposta de Francine. Como manter certa horizontalidade e certa verticalidade, todos os movimentos se perguntam sobre isso. Há aceleração da horizontalidade, como aproveitar a riqueza da horizontalidade, se trata de experimentar. Não se trata de revolucionar tudo, mas pactuar passo a passo, construir nova cultura política absolutamente necessária, que combina horizontalidade e certa verticalidade. Não a verticalidade do poder políticos, dos partidos, temos uma mensagem nos movimentos horizontais muito fortes e muitos vivos que estão no mundo.

Sheila, Brasil: Começo destacando a ausência de tradução para o português, mesmo com o grande número de membros brasileiros no CI e com o importante papel do Brasil na história do FSM. Retomo a fala de Francine, quando diz que acredita no potencial deste Conselho em promover incidência política e que é possível fazer pontes. Concordo com ela. O FSM nasceu para fazer enfrentamento ao neoliberalismo, ao colonialismo. Seu maior desafio é incidir politicamente na conjuntura mundial. Neste sentido gostaria de relembrar dois itens da Carta de Princípios do FSM: o item 7, onde consta que o Fórum Social Mundial “se compromete a difundir amplamente” as deliberações e ações produzidas pelas entidades durante as edições do FSM, pelos meios ao seu alcance, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras e restrições, mas como deliberações das entidades ou conjuntos de entidades que as tenham assumido ; e o item 10, onde está explícito que “o Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado”. Isso respalda o posicionamento político do CI frente às lutas trazidas para cada edição do FSM. A Carta de Princípios é clara, temos que nos opor a toda visão totalitária da economia e ao uso da violência como meio de controle pelo Estado. Se o CI não se opõe, está sendo conivente, o que é inaceitável. O CI precisa se posicionar.

Rita, Brasil: Creio na importância do processo do FSM, têm muitas lutas que tem a expectativa de que o FSM incida politicamente. Estou de acordo com o consenso, mas o bloqueio do consenso sem que se diga a razão política disso é extremamente antidemocrático. Não podemos estar em espaços de apartheid e o CI deve tratar politicamente isso. As comissões não são instituições, mas devem facilitar o debate do CI com os movimentos que levam os debates e críticas ao processo. O FMML fez a reflexão sobre o futuro do processo do FSM.

Outro participante: o CI está vivendo uma crise, de diversos níveis. Política sobre tudo. O que foi feito em 2001 em Porto Alegre é fazer política

de outra forma, o que não pode significar não fazer política. A carta é um instrumento. Há muitos movimentos de resistência política. Politizar o FSM não pode acontecer sem politizar o CI. Temos debates políticos sobre o que ocorre nos países. Sem isso, nos ilhamos e estamos condenados. A carta e com a inspiração dos jovens, para ser capaz de mudar o mundo.

Outro participante: Há uma diferença entre politizar e fazer política. Não estamos politizando o debate, as decisões devem ser consenso. Temos que politizar o FSM e o CI, o CI não pode não se pronunciar quando ocorrem coisas graves no mundo. Abrir esse espaço para outros movimentos, temos que rejuvenescê-lo, há muitos movimentos vivos, que não estão aqui porque os jovens não estão, há que abrir espaço para eles. Sobre os meios de comunicação, eles deixaram o FSM. O FSM tem tudo para atrair a atenção, mas foi deixado pelos meios de comunicação. Porque creem que se fala sempre da mesma coisa. Temos que mudar. Politizar o FSM para que se sintam que tem potência e assim interesse.

Pierre, França: Falamos de politização, mas a carta é extremamente política. Marco da autonomia, da iniciativa, de construir coalizões, que vai aglutinar as forças políticas. Não podemos, no CI, nos colocarmos como líderes do processo. Aqui em Montreal criaram um coletivo e fizeram um FSM com a cultura dos novos movimentos, abertura metodológica incrível. Encontramos uma solução para rejuvenescer o CI. Não apenas declarações mas com posturas.

Outro participante: Estivemos sempre em crise, desde Nairobi. Chico sempre diz, “somos facilitadores do processo, ponto”. Então quem diz que não podemos tomar decisões? Existem muitas coisas que podemos ter consenso, mas não debatemos. Temos que encontrar posição majoritária, somos responsáveis desde nossas próprias organizações, temos que tomar decisões importantes que precisam ser feitas. Nada impede a gente de fazer isso.

Outro participante: É a primeira vez que tomamos esse tipo de conversa. Nossa carta política inclui princípios de base, não se permitiu. Quem proibiu o CI de tomar posição? Nada. Estamos num momento importante que nos EUA tem um movimento chamado “as vidas negras importam”, se não conseguimos trazê-los, ou apoiá-los, o que estamos fazendo no mundo?

Moema, Brasil: Todos somos políticos, e por isso estamos aqui. A discussão não é não fazer política, mas como. Mas existem muitas formas de fazer política. Não apenas de um partido. Estamos dizendo que é possível fazer política sem eliminar quem não pensa igual. Isso que a carta diz. O mais importante é fazer um FSM que todos venham. Não assinar um papelzinho. O importante é ser aberto, forte e que expresse todas as lutas antisistêmicas e que se expressem diversas formas de fazer política. O importante é que todos caibam. Construir opções, formas, e maneiras que todos podem expressar sua voz e que possam conversar. E não assinar um papelzinho. Em determinadas situações, para determinado povo é importante a assinatura, estou de acordo. Construir formas, criar linguagem que todos possam entender. Por exemplo, uma carta.

Chico, Brasil: Temos que ler os artigos da carta. Todos. A ideia de diversidade, as pessoas os que estão aqui do CI podem falar em nome do

FSM? Não. O mecanismo de consenso, é um caminho para construir unidade. Temos dificuldades com isso. É progressivo, discutir, quando uma pessoa se coloca dizendo que se a posição for formada vai sair, então debatemos mais, até que a pessoa coloque que não concorda, mas que continua se a maioria se posicionar de determinada forma. Não vai ter unanimidade, mas trata de construir consenso porque Fórum não é um organismo que pode tomar a frente em determinada situação, mas estamos construindo um processo.

Outro participante: Como podemos chegar a um consenso e a uma posição clara politicamente?

Hugo: Consenso pode ser uma experiência de êxito para construir unidade. E lutando entre a gente vamos destruir a ideia do FSM.

Outra participante A carta é política, os movimentos devem encontrar seu lugar. A carta não impede que o CI se expresse. O consenso nos obriga a ser mais tranquilas. CI deve ser uma expressão dos movimentos e temos que nos perguntar por que os movimentos expressivos e dinâmicos não estão aqui. Como inclui-los e encontrar uma nova dinâmica?

Outro participante: Concordo com Chico 98%, algumas diferenças. Não estamos no mesmo período que em 2001. Temos que ser flexíveis, ter imaginação, para mudar. Muitas lutas são símbolos. Em 2001 era Brasil, América Latina, depois Primavera Árabe. Temos que tomar uma posição, olhar tudo, o que está acontecendo Brasil, onde está o debate. Podemos debater e dizer, denunciar, sobre o que está acontecendo, assim seremos inclusivos.

Gus Messiah, França: Vou fazer 3 propostas em três frases:

1. Dar visibilidade ao processo dos Fóruns.
2. Para rejuvenescer podemos tentar construir uma assembleia de movimentos de luta, em luta, que por não virem debilitam a luta, a prática.
3. Propor um exercício para o CI. Proponho criarmos um grupo de trabalho que em alguns meses elaborem um texto sobre dois pontos: 1- que analises faremos da situação mundial ; 2. Por que pensamos que o FSM segue sendo importante. E vamos ver se chegamos a um acordo sobre esses pontos.

Outro participante: Depois desse debate podemos fazer pontes. Proposta concreta: moção contra o golpe de estado no Brasil. Temos que aprovar isso.

Outro participante: Somos o único movimento global contra o neoliberalismo, isso é uma responsabilidade enorme. Consenso é muito importante. E é muito diferente da unanimidade. Depois de discussões pode-se decidir fazer algo. E tudo bem algumas pessoas não quererem participar. Precisamos construir iniciativa concreta para mostrar que estamos aqui, que existimos. Fazer manifestação em todo o mundo.

Francine, Bélgica: Proposta de começar a tarde com síntese desse debate, e partimos para o debate operacional.

Período da tarde

Débora Nunez, Brasil: Se tomarem 4 princípios de nossa organização que também é internacional talvez possa ajudar. Todos esses conflitos que estamos vivendo não nos ajuda. Temos um grupo no interior de nossa rede que vai mediar esse conflito. Temos que trabalhar para que a confiança cresça. Incluímos a inteligência de nosso coração e corpo porque nossa mente está sempre nos dividindo. O capitalismo está entrando em colapso mas antes está destruindo a democracia. Vocês não tem o direito de não chegar a um consenso. Temos confiança em vocês.

Francine, Bélgica: Está claro que não estamos de acordo. Não se trata de chegar a um acordo. Não vamos mais abrir o debate desse ponto. Podemos retomá-lo em nosso próximo encontro. Alguns pensam que estamos nos suicidando tomando decisões e outros que não estamos nos suicidando ao tomar. Bélgica tem muitos conflitos. Peço que pensem em conciliar nosso pontos de vista.

Boaventura, Portugal: Há uma proposta para uma moção contra a recusa dos vistos. Escrevi esta manhã. E vou lê-la. [faz a leitura]

Outro participante: Para que haja acordo, devemos pensar uma ação, fazer um chamado a todas as embaixadas do Canadá, do mundo e uma campanha. Canadá vai colocar candidatura pela assento de segurança da ONU, fazer uma campanha contra isso.

Outro participante: Se não podemos aprovar isso como um conselho não servimos para nada. Não podemos ser tão formais.

Gina, Peru: Me parece que voltamos ao mesmo lugar.

Outro participante: Temos responsabilidade de tomar certas decisões e precisamos que o CI tome essa decisão sobretudo qdo se refere a solidariedade com outras partes do mundo

Moema, Brasil: Penso que é uma questão a ser tratada com mais profundidade. Boaventura fez uma proposta e há outras alternativas, Francine mencionou outra, o que sugiro é que não tomemos uma decisão neste momento. Não creio que se trate de técnico, É uma posição política. E no final da reunião vamos apresentar uma nova versão.

Boaventura, Portugal: Não concordo em sentar em grupos.

Outro participante: O CI decidiu trazer o FSM em Montreal. Deu poder a um grupo de jovens para organizar. Pode se posicionar para denunciar a atitude excludente do governo canadense.

Ronald Cameron: Peço a Chico para ser flexível. CI é imputável. A carta é uma responsabilidade nossa.

Outra participante: O CI pode afirmar a declaração comum. Creio que pode fazer de forma coletiva. Não é uma declaração política geral. É um atentado sobre o FSM. Se chegarmos a um acordo coletivo de marcar esse precedente que nos permita declarar outras declarações políticas que

requerem debates que talvez agora não possamos fazer. Trata-se de uma questão de confiança, que todos aqueles que fazem parte hoje avaliam essa necessidade.

Sheila, Brasil: Em todos os outros conselhos que participamos, lutamos por maior liberdade de incidir e agir na realidade. Neste conselho nós mesmos estamos limitando nosso próprio poder de incidência. É evidente que algumas organizações assinarem uma declaração de repúdio, um manifesto, tem menos peso do que o “Conselho Internacional do FSM” assinar. Nós mesmos estamos reduzindo nosso poder de incidência. Qual o sentido? Por quê?

Outro participante: O CI nunca fez o seguimento para saber se os organizadores fizeram medidas para acompanhar o pedido de vistos, não contratou advogados. É necessário reconhecer seu erro e denunciar a exclusão dos militantes do sul. Se somos neutros somos covardes e estamos contra o espírito do fórum.

Francine, Bélgica: Responsabilidade coletiva em nos comprometermos na questão de confiança. E não fazer dessa decisão um precedente. Mas questões fundamentais para que o fórum opere. Falamos da confiança entre nós. Se não houver estaremos perdidos.

Gina, Peru: Tenho medo de essa declaração ser um precedente e assim representar uma decisão sobre algo que não temos consenso.

Outro participante: Todos os membros do CI presentes declararam que o problema não é o consenso sobre o tema.

Francine, Bélgica: O debate está fechado. Vamos para a segunda parte da discussão.

Martina, Itália: Sou da Arlternatives Internacionales. Quero fazer duas propostas. Se temos que trabalhar por consenso necessitamos de facilitadores com técnica para isso. O segundo ponto é o secretariado. Necessitamos de um secretariado que funcione e seja multicultural, com jovens. Este secretariado poderia também ter novos grupos na África, em outros países e promover o Fórum.

Leonardo, Brasil: Sobre o secretariado estou de acordo. Isso requer financiamento. Pode ser por contribuições dos membros e apoio de outros. Um fundo de solidariedade. Sem apoio financeiro não podemos continuar.

Gina, Peru: Estamos frente a um golpe e não é possível, não há acordo. Não tenho nenhum interesse em que pessoas abandonem o CI. Me sinto atropelada nessa decisão. Mas sem acordo, sem acordo. (referindo-se à decisão de Chico Whitaker de sair do CI caso seja decidido que o CI se posicione enquanto tal)

Victório: É decisão pessoal do Chico e não podemos detê-lo. Temos que tratar de outros temas.

Moema, Brasil: Victório, temos tido muitos desacordos neste conselho, mas nunca algo desta maneira. Estou vivendo em um país onde tem sido muito difícil debater. Peço que levemos em conta que não é uma decisão. Vamos encontrar uma maneira de decidir juntos. Se não conseguirmos aqui agora não creio que ninguém tem que sair. Não creio que não temos capacidade de tomar uma decisão conjunta. Minha proposta seria ter um grupo de trabalho uma manhã toda para trabalhar uma proposta.

Francine, Bélgica: Proponho dez minutos para voltarmos mais tranquilos.

Gina, Peru: Temos uma proposta sendo finalizada e vamos discutir outros pontos como secretariado e comissões.

Boaventura, Portugal: Lê alteração da carta a ser encaminhada em nome das organizações presentes nesta reunião do CI. (Não mais em nome do CI como um todo. Flexibilização para chegar a consenso)

Gina, Peru: Obrigada pelo esforço deste grupo! Temos dez minutos para passar pelos pontos básicos sobre secretariado e tomar decisão.

Hamouda, Marrocos: Gina, não quero avaliar o secretariado. Estamos manejando uma lista com comitês locais para organizar o Conselho Internacional. A decisão de porque tomar dois dias eu escrevi há 4 meses e ninguém me respondeu. Necessitamos mais de dois dias de reunião para trabalhar sobre este ponto. Para que o secretariado funcione o FMML pode tomar a comunicação do CI.

Gina, Peru: Proposta de mais dias de reunião de CI, 3 ou 4 no mínimo para discutirmos as diferentes tarefas e ações políticas. Também querem convidar o FMML para se encarregar da comunicação trabalhando juntamente com o secretariado.

Martina, Itália: Proponho que o CI dê mandato a grupo de pessoas, que o secretariado se constitua de pequenas equipes em diversos países com conhecimentos técnicos em secretariado. Deve ser multiétnico para que possa perdurar. Posso me oferecer para fazer parte deste primeiro grupo.

Outro participante: Em 2009 fizemos uma proposta similar de secretariado descentralizado e multiétnico. Um processo inclusivo, necessitamos nova energia, nova maneira de fazer as coisas, novas culturas políticas. Não se trata de representar o FSM. A maneira como diferentes organizações podem participar. A decisão que gostaria de ver em uma próxima junta em Marrocos e apresentar uma proposta concreta no próximo CI.

Damien, Brasil: A decisões que tomamos são provisórias. A proposta de secretaria descentralizada parece ser interessante mas o debate não é para agora porque precisaríamos ter as candidaturas e maior profundidade. Em Porto Alegre a decisão que tomamos foi fazer um comitê político. Gostaria de reafirmar essa necessidade. Compor um comitê provisório para preparar uma proposta PARA A PRÓXIMA reunião. Uma reunião de dois dias me parece interessante com os pontos importantes: visibilidade, comunicação, mobilização. Talvez 4 dias de painéis. O Comitê de porto alegre gostaria de fazer uma reunião do CI em janeiro de 2017.

Ronaldo: Quero falar do debate dos consensos. O que falamos sobre secretariado estou de acordo. Precisamos discutir o tema do futuro do FSM como estava na agenda. Há uma dificuldade para chegar a um consenso.

Leo, Àustria: As tarefas do secretariado dependem da discussão. Proposta do Gus, que o FSM tem que ser mais visível ao exterior. Um grupo que leve o grupo ao exterior, nos levar a ser conhecidos. O problema não é apenas fazer declarações, mas capacidade de convidar, chamar ações, mobilizações mundiais. A secretaria terá então uma tarefa muito grande, significa que devemos facilitar fazer declarações e mobilizar a nível mundial nosso movimento. Isso vai provocar a inclusão de muito mais gente e movimentos sociais que estão ausentes nesse momento.

Outro participante: Proposta de renovar o Fórum, isso é muito importante, precisamos pensar quais critérios os grupos vão adotar e realizar um plano de trabalho para facilitação do processo, para que o grupo responsável por isso tenha legitimidade.

Outro participante: Temos um secretário que tem dificuldades, mas existe e faz seu trabalho. Não se trata de criar algo do zero, mas apoiar com uma ou duas pessoas a fazer esse trabalho. Ser mais práticos, pois se queremos mudar tudo, precisamos de um projeto, discuti-lo, então deixamos para a próxima vez. Melhor ficar com a proposta de apoio e seguirmos adiante.

Rita, Brasil: Precisamos, para o processo organizativo, de um ponto focal, ter alguém trabalhando todos os dias. A proposta que o FMML tome a seu cargo trabalho de comunicação do FSM. Os grupos discutiram isso, que estão refletindo sobre as novas formas de controle dos movimentos sociais. Para isso ser possível precisamos dialogar seriamente com o CI, proposta para ser realizado esse diálogo na jornada que se segue.

Liege, Brasil: O secretariado não deve ser itinerante. Não deve ser confundido com os comitês organizativos de cada fórum. Apoio a ideia de Damien, de um comitê para acompanhar o secretariado para que siga as decisões políticas do CI.

Moema, Brasil: Não vejo como possível ter condições financeiras para garantir o funcionamento de uma secretaria multilíngue dada a fragilidade que estamos enfrentando. Estou de acordo com a proposta de Damien de ter acompanhamento de um grupo, mas que não tenha caráter político. Um grupo de trabalho que ajude.

Sheila, Brasil: Pensando na possibilidade de secretarias multicêntricas, é fundamental sabermos que organizações e movimentos de fato ainda estão comprometidos com o CI. É preciso enviar uma carta a cada uma das organizações que integram o CI e pedir que reafirmem o interesse em participar, aproveitando para pedir que confirmem os nomes de seus representantes neste espaço.

Outra participante: O CI deveria estudar o que recebemos nos últimos anos. Precisamos de uma junta do CI com as pessoas que organizaram os FSM locais, para poder fazer análises sobre as dificuldades e acertos.

Gina, Peru: Organizar grupo de trabalho para tomar algumas decisões e discutir cada um dos pontos.

Representante do movimento BDS: Quanto à discussão do secretariado e do funcionamento do CI, de que maneira vamos chegar a um consenso se não vamos debater sobre o que não concordamos?

Gina, Peru: Não se trata de tirar o tema da pauta.

Teivo, Finlândia: Gus propôs ontem criar um protocolo sobre assinar a petição BDS.

Francine, Bélgica: Nós não devemos discutir isso porque não há consenso.

Representante do movimento BDS: Não existe a possibilidade de falar disso agora, apresentamos uma proposta: Temos um grupo de trabalho e queremos apresenta-lo no próximo CI.

Gina, Peru: O próximo FSM será onde vai acontecer o debate sobre o futuro do FSM.

Outro participante: Estamos de acordo que não podemos fazer grandes discussões nesse momento. Venho de uma região de onde tivemos dois FSM, quero dizer que a organização do próximo CI em porto alegre há pontos muito importantes na região do Magreb. Dar esperança para a primavera árabe, para a luta contra a islamofobia, a xenofobia está invadindo a população mundial. O debate verdadeiro é com os movimentos sociais locais a partir das necessidades locais.

- **Parte 3: o próximo FSM e o futuro do FSM**
(coordenação de Rita Freire e)

Rita, Brasil: Essa sessão vai debater o futuro do FSM e o futuro FSM, não é mais sobre o funcionamento do CI.

Pierre, França: Sobre a transição dos temas de pauta, não fizemos o debate do funcionamento do CI porque discutiríamos em Porto Alegre, havia possibilidade de abrir o CI a grupos que atuam no processo, fazer um CI de 4 dias, preciso de mais clarificações sobre esse ponto. Abrir o CI à candidatura de grupos que tenham organizado o FSM no passado. Não podemos falar sobre isso? Este ponto foi ignorado.

Outro participante: Assembleia de movimentos sociais precisa mudar, para ser algo que dê seguimento as ações. Precisamos de continuidade, não podemos continuar sem falar o que foi falado nos fóruns anteriores, uma câmara em paralelo que vai planejar nossas ações, nosso combate, nossa luta.

Leo, Brasil: Quero propor uma moção contra o golpe no Brasil. Nos mesmos moldes da carta sobre o visto.

Outro participante: Estamos discutindo o futuro do FSM. Não devemos tratar disso

Maher Hanin, Tunísia: Sobre a politização do CI. Estamos perdendo presença política. Perdemos muitos amigos escolheram outro tipo de luta. Não encontram expressão de luta política nesse fórum. Muita gente de luta não apoia nosso movimento. Se não podemos reinventar a substância de nossa existência militante, e somos um movimento político de povos e lutas sociais, o que vamos fazer? Temos que consolidar o FSM, convergir a luta. O fórum necessita trazer os movimentos locais para mudar a forma de governar nossos países.

Outra participante: Apoio o que propõe Gus para que avancemos a reflexão de ter no próximo FSM uma assembleia de movimentos de luta porque somos o único lugar internacional onde se encontram essas experiências. Muitas lutas estão desconectadas e não se reconhecem no FSM, no altermundialismo. Um FSM a cerca dos projetos de infraestrutura, ocupações, lutas políticas, para questionar o capitalismo. E a crise do poder do Estado. Fazer uma coalizão que vai lutar contra o capitalismo de maneira sólida e possa ser atrativo para novas experiências.

Léo, Áustria: Ontem concordamos em discutir para nos reunir amanhã novamente. Tarefa de elaborar um conceito que aborde todas essas coisas, o que Pierre disse, Gus, fazer uma formulação coerente e que possa ser discutida não somente no próximo CI, mas todos os dias, em todas as partes do mundo. Para que não perdamos o objetivo, que possamos realmente encontrar soluções.

Outra participante: De acordo com Gus e Jean Pierre. Proposta que temos: espaçar o FSM para a cada 2 ou 3 anos e reduzir o número de oficinas. Promover mais FSM locais e regionais para abrir portas para convergências continentais. Pedimos o abandono de infraestruturas clássicas e universitárias para abrir portas as lutas por direitos sociais. Vemos pertinência em fóruns sociais temáticos, mas temos que revisar a estratégia de organização para propiciar os intercâmbios transversais entre as lutas.

Outro participante: Não creio que podemos organizar outro FSM imediatamente. Antes é necessário criar fóruns regionais, ao mesmo tempo, mesma data, mas em diferentes lugares, precisamos impregnarmo-nos, nos envolvemos com os novos movimentos, se fazemos outro Fórum mundial, perdemos todos.

Outro participante: O futuro do FSM é uma inspiração, não se trata somente do visto, há muita coisa que está faltando para inspirar as pessoas. Diálogo europeu e latino-americano, falta África, outras comunidades. Está claro para mim que para o futuro o Fórum Social Mundial, se não tomarmos uma posição clara sobre o que está passando no mundo árabe, Líbia, Síria, Iraque, todos esses países, as pessoas estão morrendo, uma posição sobre o neoliberalismo do leste, o FSM vai perder toda a credibilidade.

Outro participante: Questões com a organização do fórum podem ser pensadas por um grupo que toma responsabilidade política sobre

organização e metodologia. Grupo de pessoas, como o coletivo do Canadá, sensível aos movimentos sociais.

Outro participante: Como estamos falando da guerra civil, golpes de Estado, e não temos uma posição clara do FSM, para renovar temos que formar essas assembleias. Assim inspiramos os movimentos sociais para que participem. Assembleias de convergência. Tivemos 8, qual o seguimento que se vai dar? Deveria ter.

Outro participante: Muitas novas formas de movimentos sociais surgiram. Precisamos renovar radicalmente nossos processos. Precisamos sentir que estamos construindo soluções em conjunto, construindo uma comunidade internacional. O CI pode ter uma orientação política, mas temos que fazer o FSM mais relevante, não o CI. Precisamos fazer mais trabalho em rede, nos abrir para essas novas organizações que querem se envolver.

Representante da Rede Curda: Precisamos de apoio de muitas organizações. Queremos apresentar ao mundo uma nova alternativa de sistema, que saia do capitalismo atual, que vai fazer a democracia verdadeira. Os movimentos sociais podem ajudar nisso. Cremos que é necessário dar apoio ao lugar e que a estrutura democrática está sendo feita. Há uma grande revolução que está acontecendo no Curdistão, de muita força, e é uma inspiração social. A proposta é que o próximo FSM seja em Rujavá: Fórum mundial feminino.

Representante do movimento BDS: Não podemos nos politizar sem nos posicionar. Se queremos ser relevantes, temos que tomar posição como fazer a denúncia do golpe no Brasil.

Maria Helena, Argentina: Temos que ouvir a mensagem de Berta Cáceres, dos companheiros caídos, de que temos que nos juntar, nos fortalecer e avançar na luta.

A moção de repúdio ao golpe no Brasil foi acolhida e ficou acertado que no dia seguinte (15/8) , em reunião de Grupo de Trabalho com participantes do CI que permanecerem em Montreal, o texto será apresentada e enviado para a lista do CI.